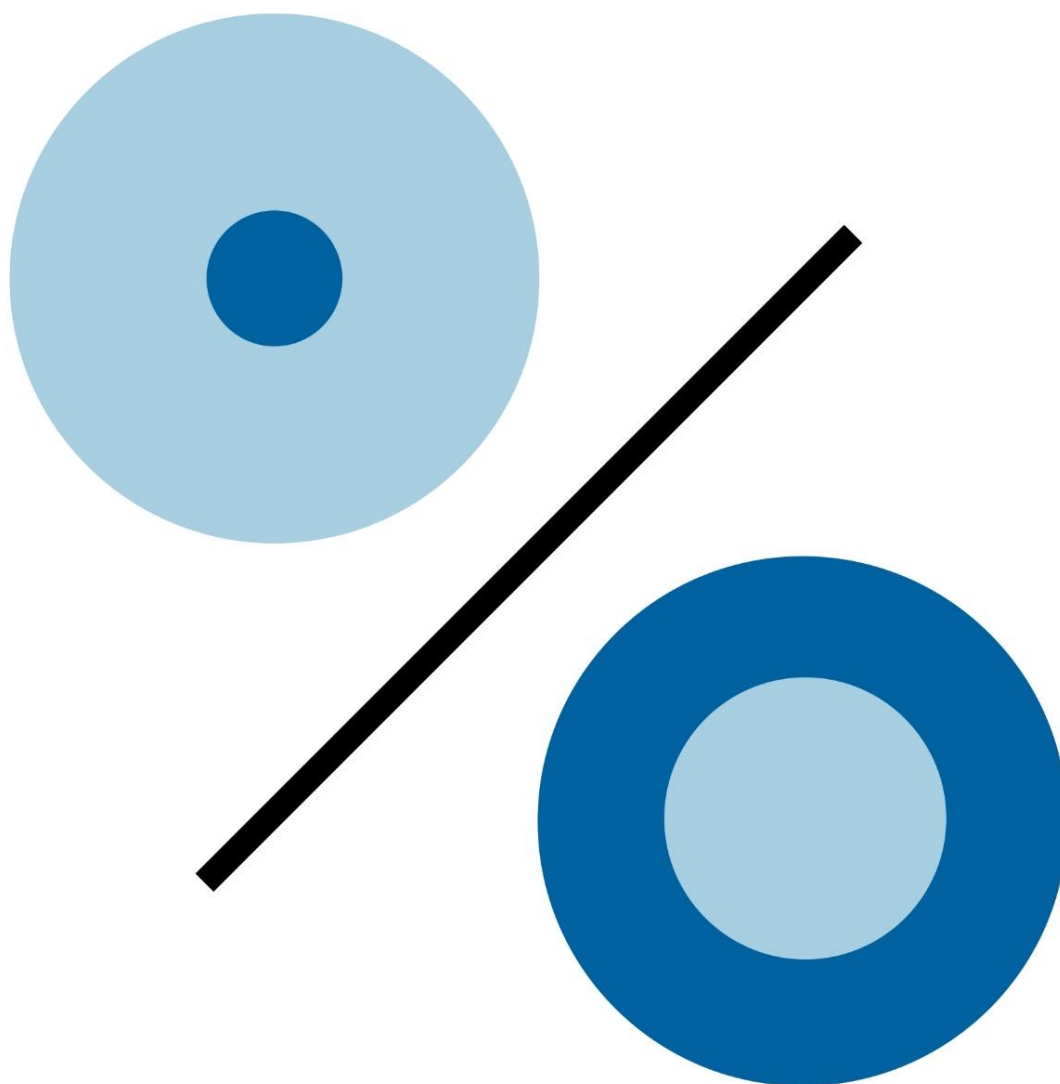


Sondagem
ICS / ISCTE

Janeiro 2025



ÍNDICE

1. Ficha técnica	2
2. Avaliação do estado da economia	3
3. Avaliação do desempenho do governo	5
4. Imigração	7
5. Avaliação dos mandatos de Marcelo Rebelo de Sousa	8
6. Interesse nas próximas eleições presidenciais	10
7. Grau de intervenção do/a próximo/a Presidente da República....	11
8. Perceções acerca do desempenho de potenciais candidatos presidenciais.....	13
9. Perceção do posicionamento ideológico de potenciais candidatos presidenciais.....	14
10. Intenção de voto na primeira volta das presidenciais	15
11. Cenários de segunda volta	19
12. E se Mário Centeno fosse candidato?	20
13. Avaliação de personalidades políticas.....	22
14. Intenção direta de voto em eleições legislativas	24
15. Intenção de voto após exclusão de abstencionistas e imputação de indecisos	25

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 9 e 20 de janeiro de 2025. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos de ambos os sexos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (7 Regiões NUTS II) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente 89 pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas.

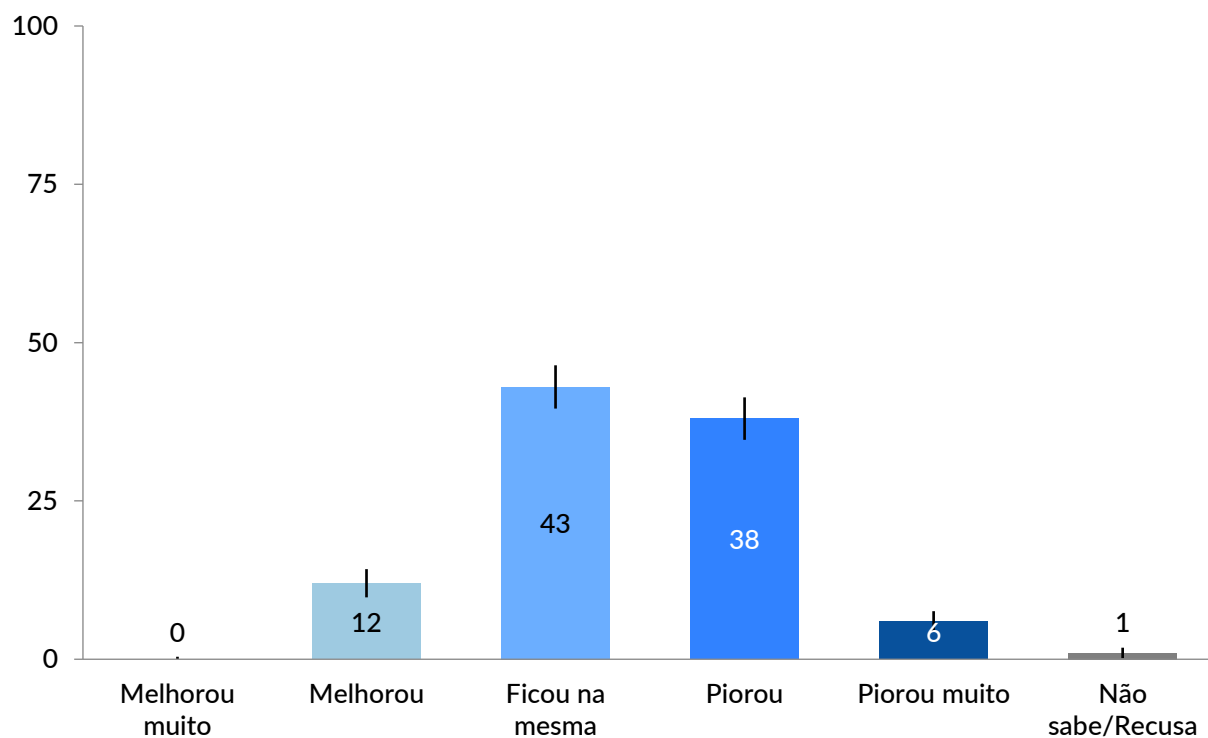
A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto em eleições legislativas recolhida através de simulação de voto em urna. Foram contactados 3039 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 805 entrevistas válidas (taxa de resposta de 26%, taxa de cooperação de 36%). O trabalho de campo foi realizado por 38 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes no Continente, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 11). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 805 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso [site](#).

2. Avaliação do estado da economia

"Falando agora sobre a situação da economia em Portugal: no último ano, acha que a situação da economia..."

% em relação ao total da amostra

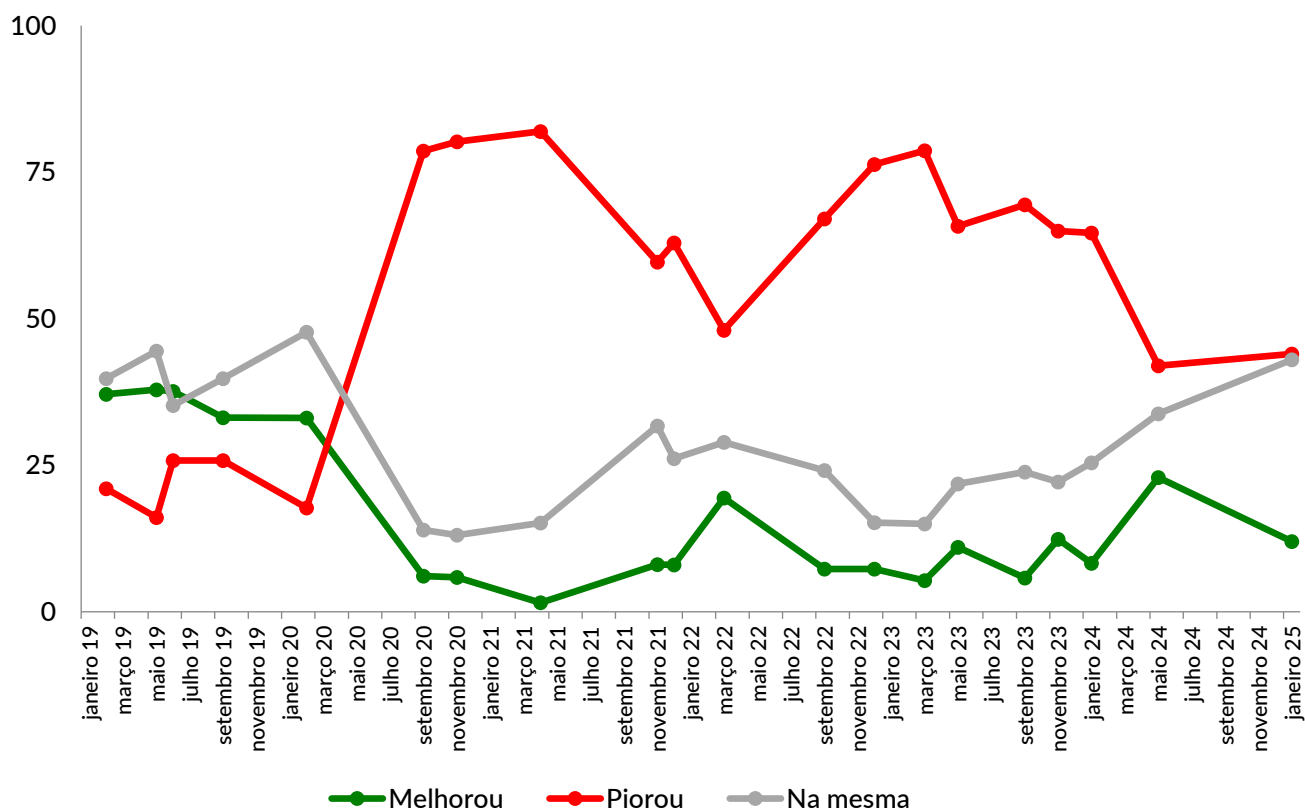


Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Para 43% dos inquiridos, a situação da economia portuguesa não sofreu qualquer alteração no último ano. Uma proporção similar (44%) considera que a economia portuguesa "piorou" ou "piorou muito" ao longo deste período. São apenas 12% os que vislumbram uma melhoria do estado da economia nacional.

Avaliação da evolução da economia em Portugal no último ano

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha



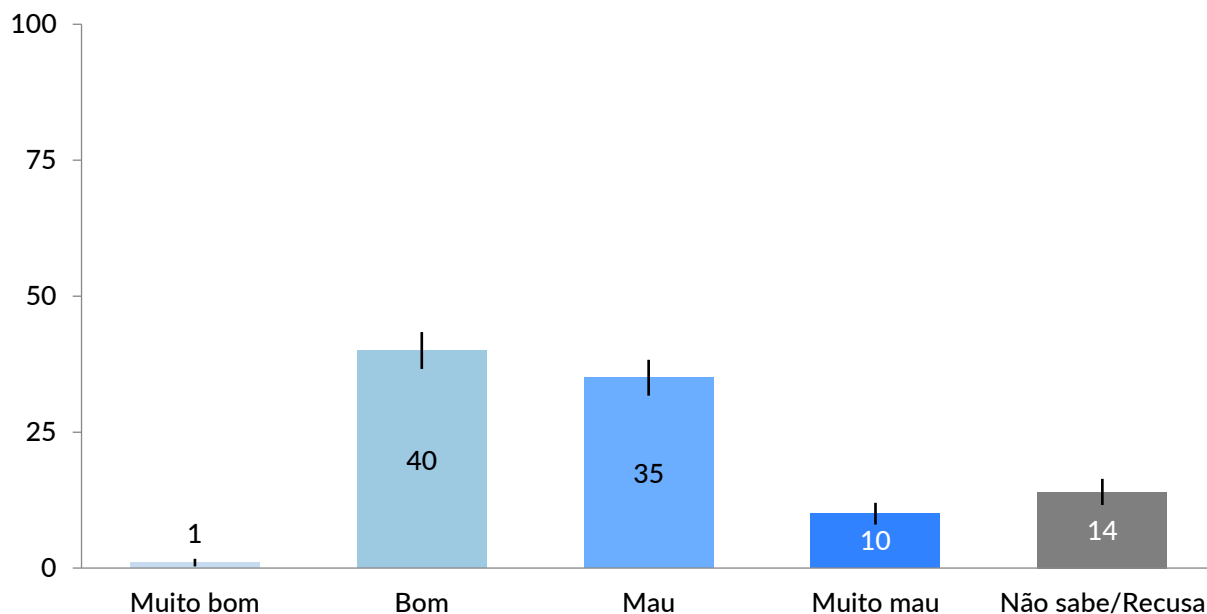
Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Em comparação com os dados relativos à avaliação da evolução da economia nacional recolhidos em abril/maio de 2024, observa-se um decréscimo acentuado na proporção dos que consideram que melhorou (de 23% para 12%), acompanhado pelo aumento da percentagem de inquiridos que consideram ter havido uma estagnação (de 34% para 43%).

3. Avaliação do desempenho do governo

"Pensando no desempenho geral do actual governo, como avaliaria esse desempenho? Diria que o governo está a fazer um trabalho..."

% em relação ao total da amostra

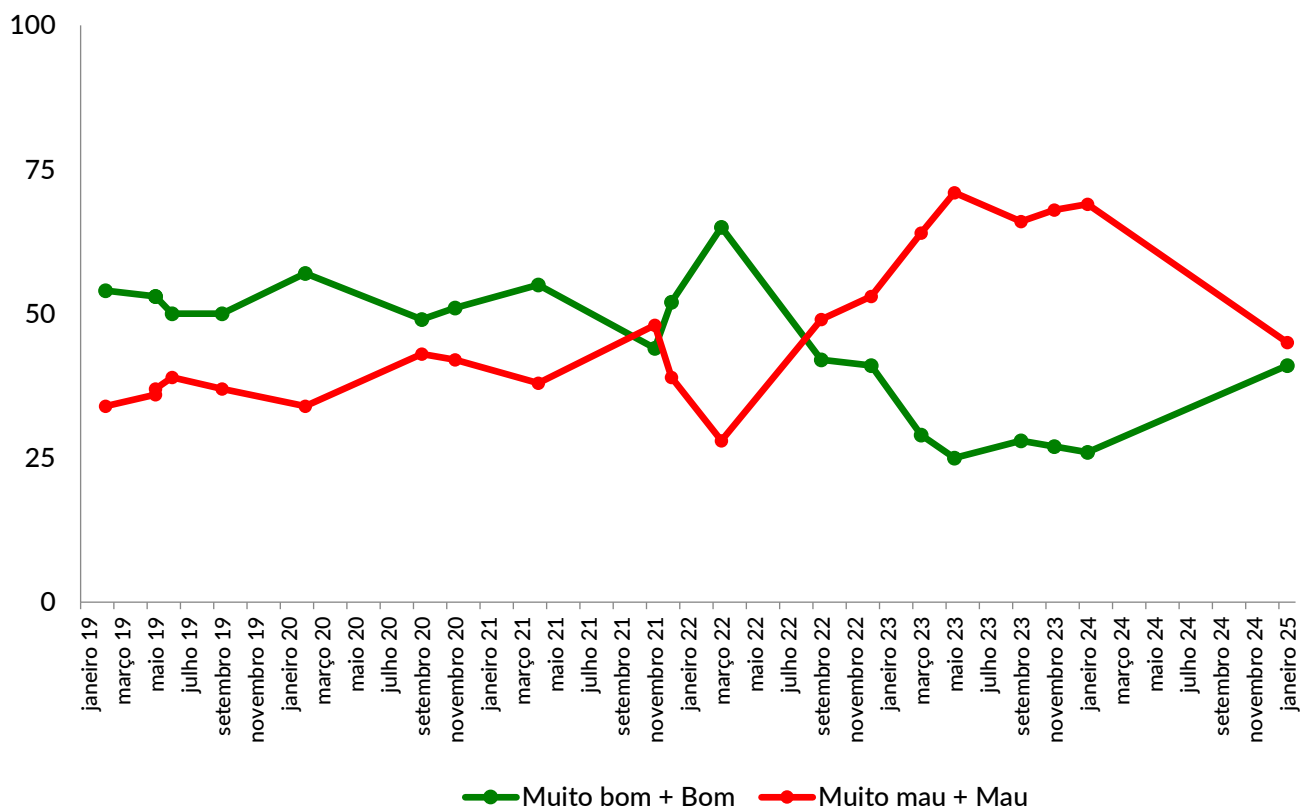


Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Para 45% dos inquiridos, o desempenho geral do actual governo merece avaliação negativa: 35% consideram que o governo está a fazer um trabalho "mau" e 10% "muito mau". Por outro lado, 41% expressam uma percepção positiva do desempenho do governo, com 40% a indicar que o governo está a fazer um "bom" trabalho. Registe-se que 14% dos inquiridos afirmaram não saber ou recusaram responder a esta pergunta.

Avaliação do desempenho do atual governo

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha



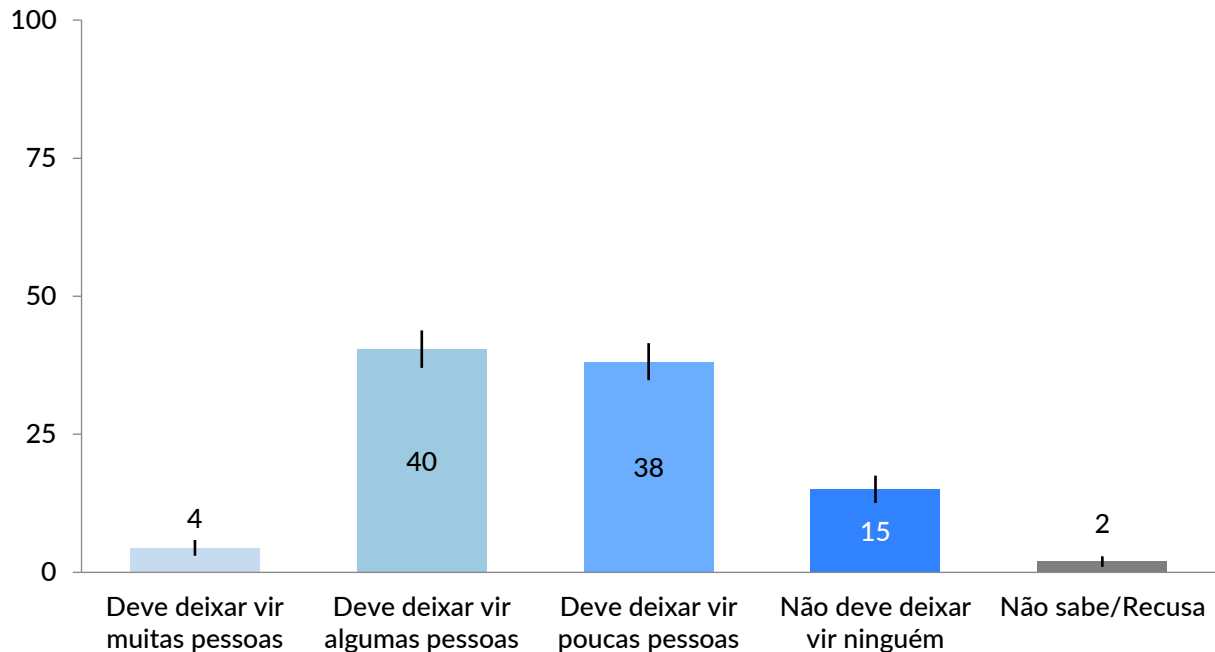
Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Em comparação com os dados recolhidos em janeiro de 2024 – ainda durante a vigência do terceiro governo Costa – há uma quebra significativa na proporção dos que avaliam negativamente a prestação do governo (de 69% para 45%), acompanhada por um aumento da percentagem de avaliações positivas (de 26% para 41%).

4. Imigração

"Em que medida Portugal deve deixar que pessoas dos países mais pobres fora da Europa venham e fiquem a viver cá?"

% em relação ao total da amostra



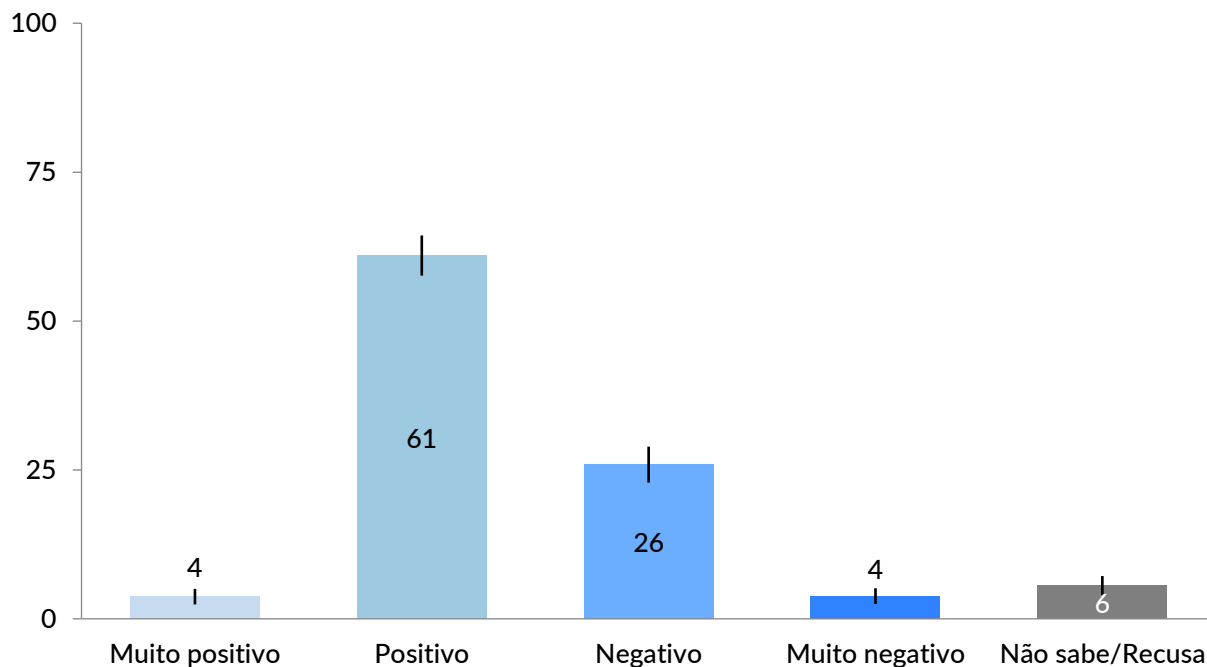
Recolha: 9 a 25 de Janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Questionados sobre em que medida deve Portugal deixar que pessoas dos países mais pobres de fora da Europa venham e fiquem a residir no país, 40% dos inquiridos responderam que se "deve deixar vir algumas pessoas" e 38% "poucas pessoas". Para 15%, Portugal não deveria deixar vir "ninguém" destes países. Comparando com resultados de janeiro de 2024, não houve uma alteração significativa nas opiniões sobre a entrada destes imigrantes, uma vez que nessa altura 42% responderam que se devia deixar entrar "muitas" ou "algumas" (agora são 44%), e 55% "poucas" ou "nenhumas" pessoas dos países mais pobres de fora da Europa (agora são 53%).

5. Avaliação dos mandatos de Marcelo Rebelo de Sousa

"Marcelo Rebelo de Sousa foi eleito Presidente da República em 2016 e reeleito em 2021. Em geral, que balanço faz da sua presidência?"

% em relação ao total da amostra

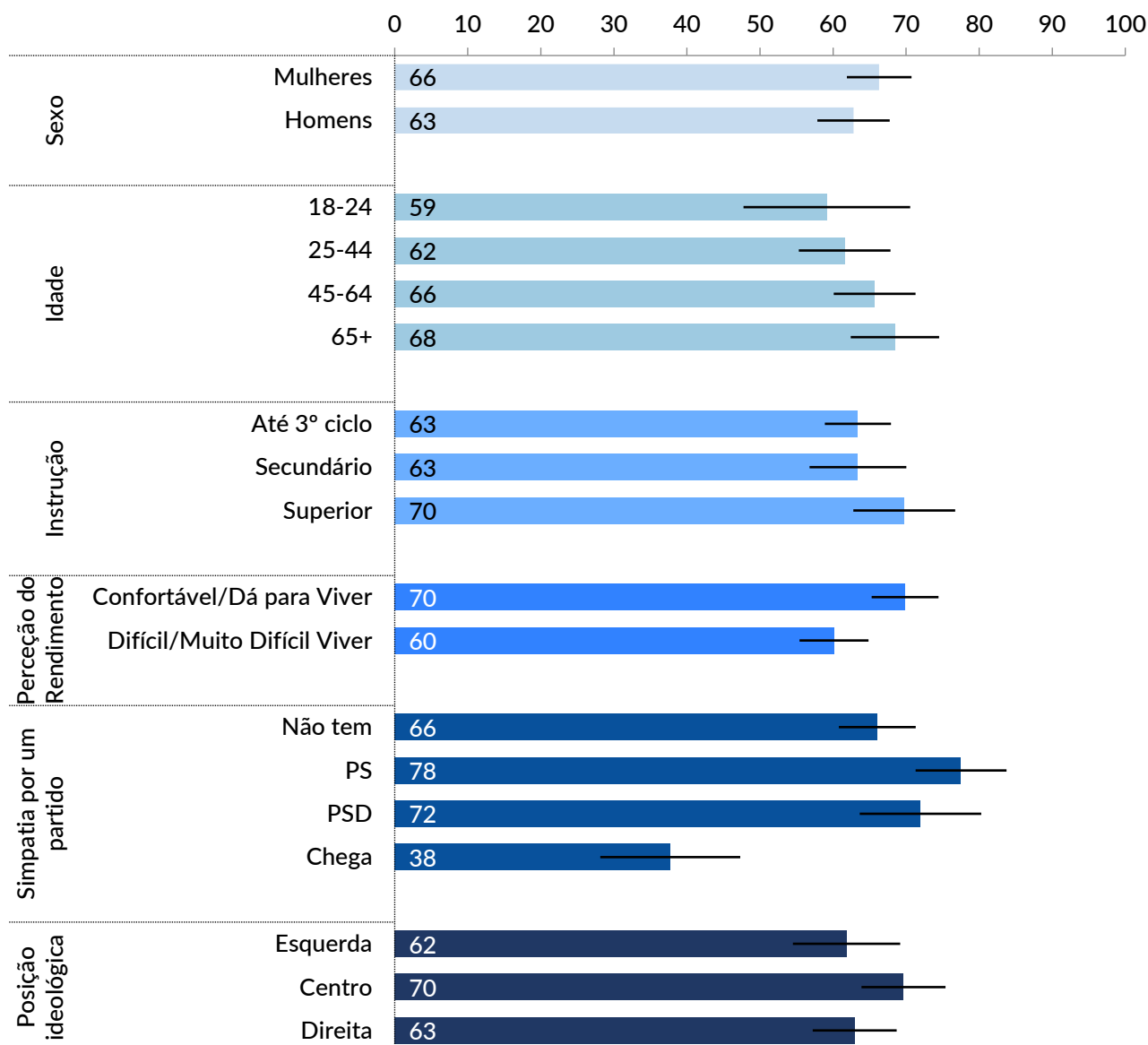


Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Quase dois em cada três inquiridos expressam uma avaliação positiva da presidência de Marcelo Rebelo de Sousa – 61% fazem um balanço “positivo” e 4% “muito positivo”. Menos de um terço dos inquiridos (30%) avalia negativamente os dois últimos mandatos presidenciais.

Balanço muito positivo ou positivo da presidência de Marcelo Rebelo de Sousa

% em relação ao total dos subgrupos



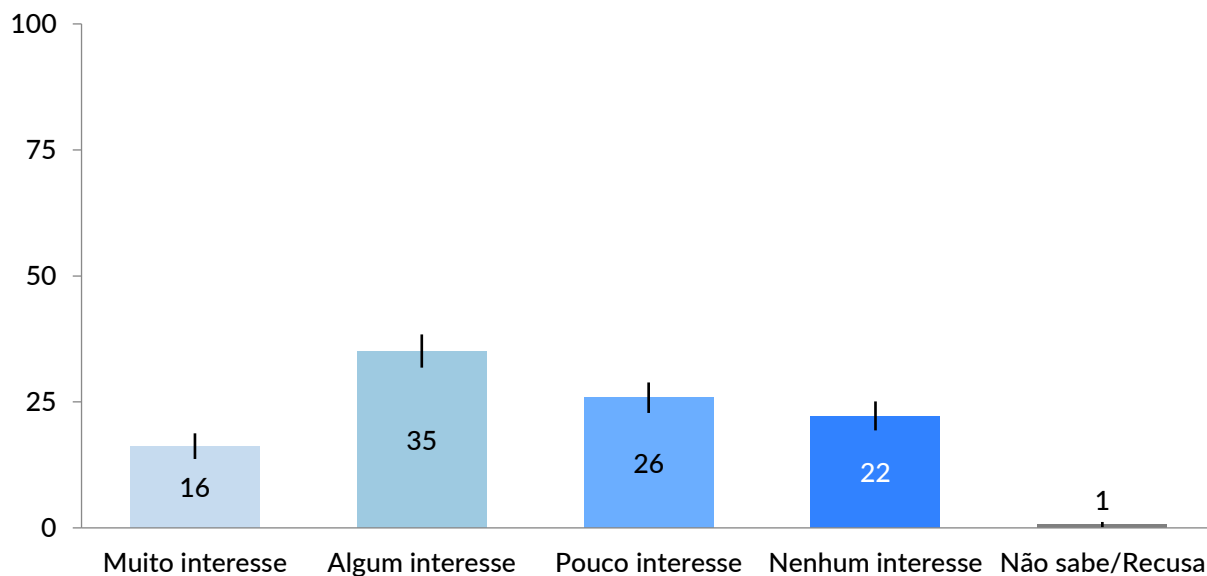
Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Os inquiridos que dizem que é difícil ou muito difícil viver com o que auferem são menos propensos a expressar uma avaliação positiva (60%) do que os que dizem ter uma situação financeira mais confortável (70%). Relativamente às variáveis de natureza política, destaca-se o facto de que quem expressou simpatia pelo PS ser mais propenso a fazer um balanço positivo dos mandatos de Rebelo de Sousa (78%) do que quem diz não ter simpatias partidárias (66%) e, sobretudo, quem diz simpatizar com o Chega (38%). Os simpatizantes do PSD não se distinguem claramente dos do PS e dos que não expressam simpatia partidária, mas são quase duas vezes mais propensos a avaliar positivamente o desempenho presidencial do que os simpatizantes do Chega (72% vs. 38%).

6. Interesse nas próximas eleições presidenciais

"Queríamos saber até que ponto está interessado/a nas próximas eleições presidenciais, que vão ser aproximadamente daqui a um ano, em janeiro de 2026."

% em relação ao total da amostra



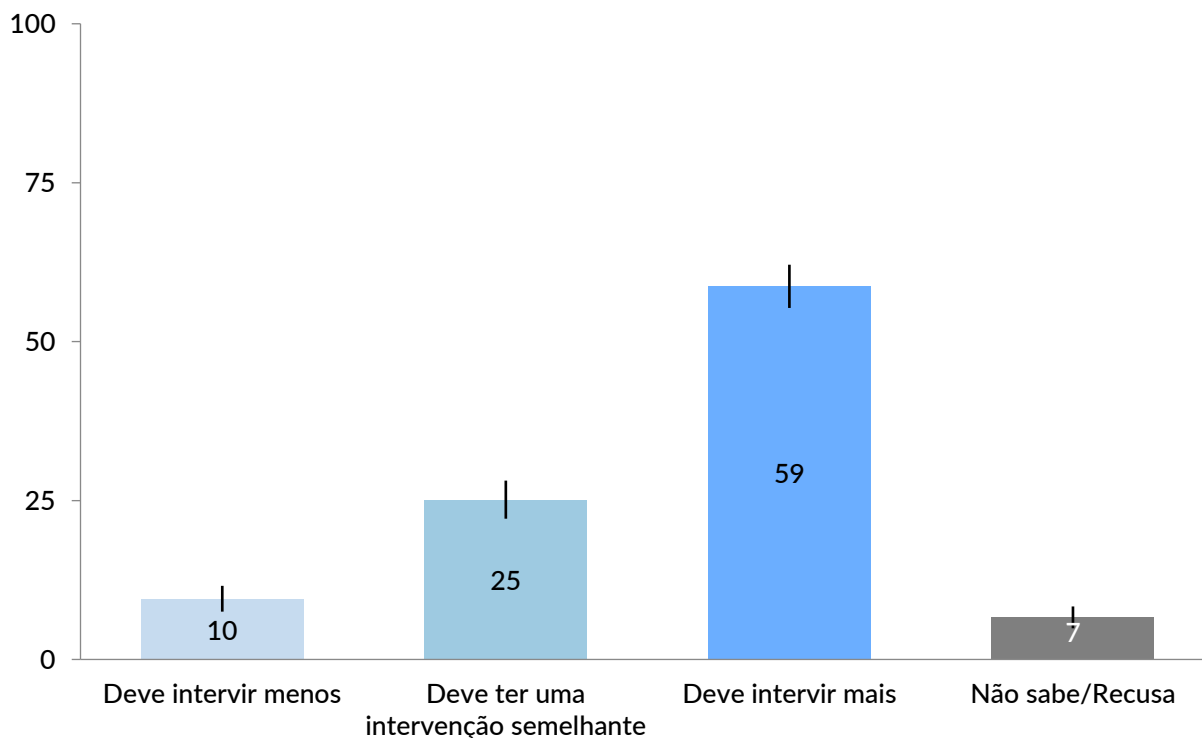
Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Pouco mais de metade dos inquiridos manifesta interesse pelas eleições presidenciais de janeiro de 2026: 35% afirmam ter "algum interesse" e 16% "muito interesse". Os restantes expressam "pouco" (26%) ou mesmo "nenhum interesse" (22%) nestas eleições, sendo que só 1% disse não saber ou recusou responder.

7. Grau de intervenção do/a próximo/a Presidente da República

"Tendo em conta os mandatos do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, na sua opinião o/a futuro/a Presidente..."

% em relação ao total dos subgrupos

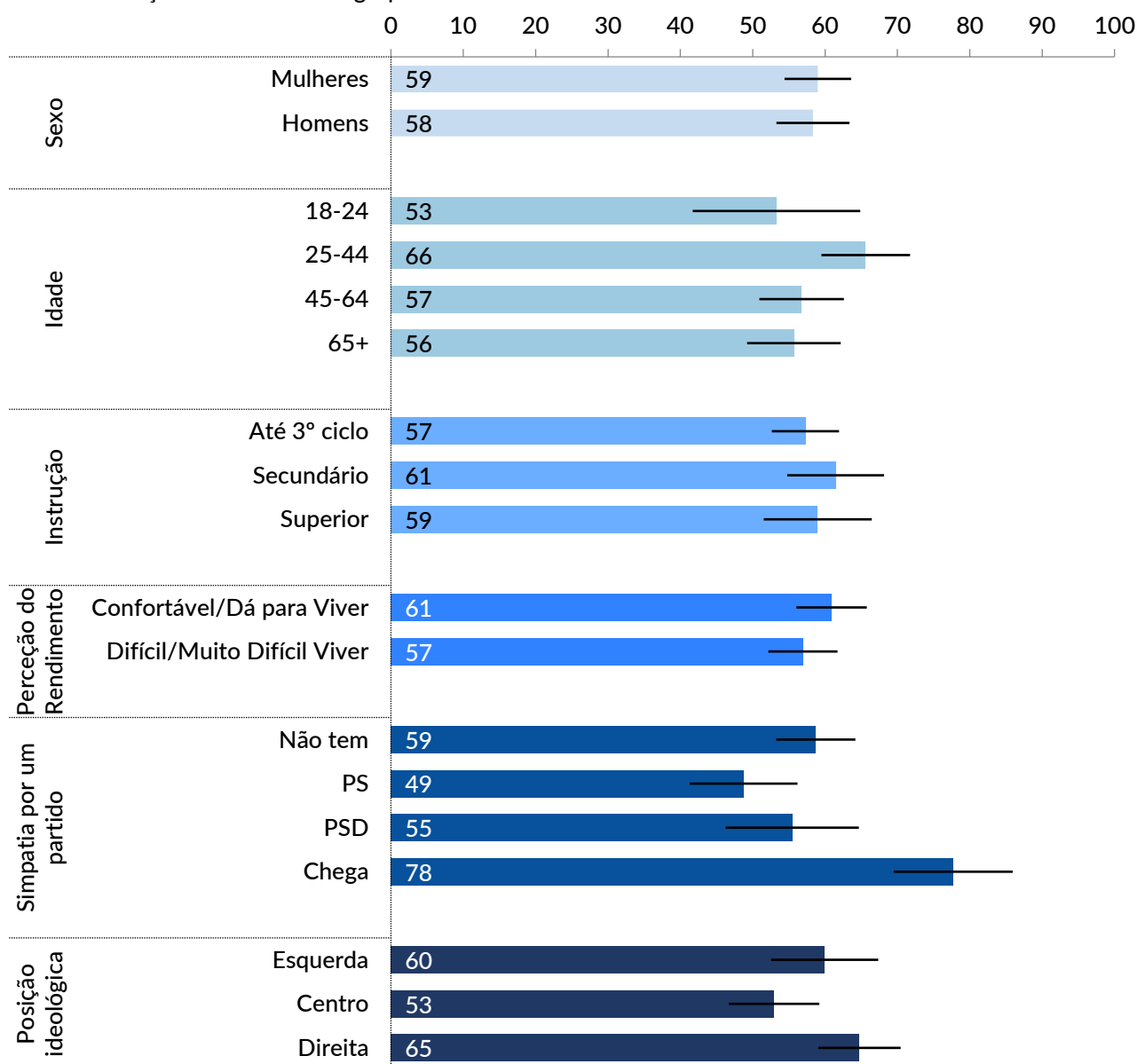


Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Para 59% dos inquiridos, a próxima pessoa que ocupará o cargo de Presidente da República deverá intervir mais na condução dos assuntos políticos do país do que Marcelo Rebelo de Sousa. Um em cada quatro considera que o grau de intervenção deve ser semelhante, sendo que apenas 10% dizem preferir que o/a novo/a Presidente intervenha menos.

Tendo em conta os mandatos do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, o/a futuro/a Presidente deve intervir mais na condução dos assuntos políticos do país

% em relação ao total dos subgrupos



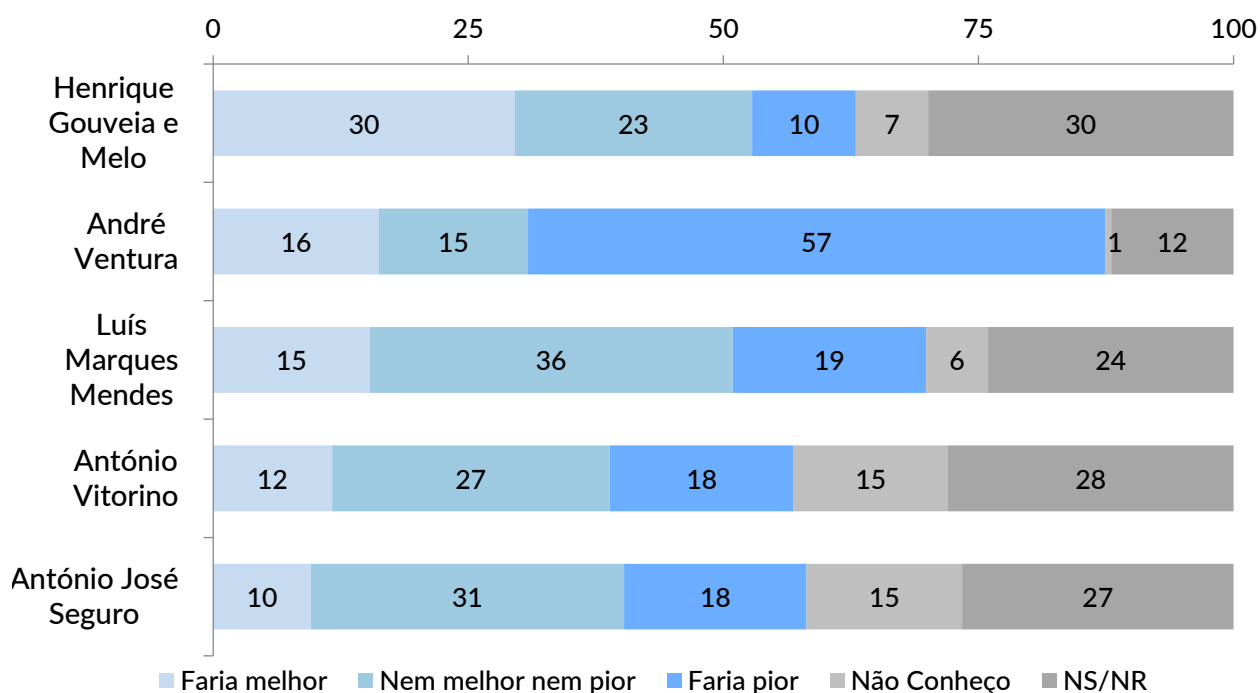
Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

São sobretudo variáveis de natureza política que estão associadas a diferentes propensões para desejar que o/a futuro/a Presidente seja mais interventivo/a. Por um lado, quem se posiciona à direita no espectro ideológico expressa mais este desejo (65%) do que os que se definem como de centro (53%), enquanto não se distinguem significativamente dos inquiridos de esquerda (60%). Por outro, os simpatizantes do Chega são particularmente propensos a expressar este ponto de vista (78%). Este é um valor significativamente mais alto que a percentagem média (59%), que as percentagens identificadas junto dos simpatizantes do PS (49%) e do PSD (55%), ou que o valor obtido junto dos que não expressaram simpatia por qualquer partido (59%).

8. Perceções acerca do desempenho de potenciais candidatos presidenciais

"Agora, para cada um dos seguintes possíveis candidatos à presidência da República, acha que faria um trabalho pior que o atual Presidente, Marcelo Rebelo de Sousa, um trabalho melhor, ou nem melhor nem pior?"

% em relação ao total da amostra



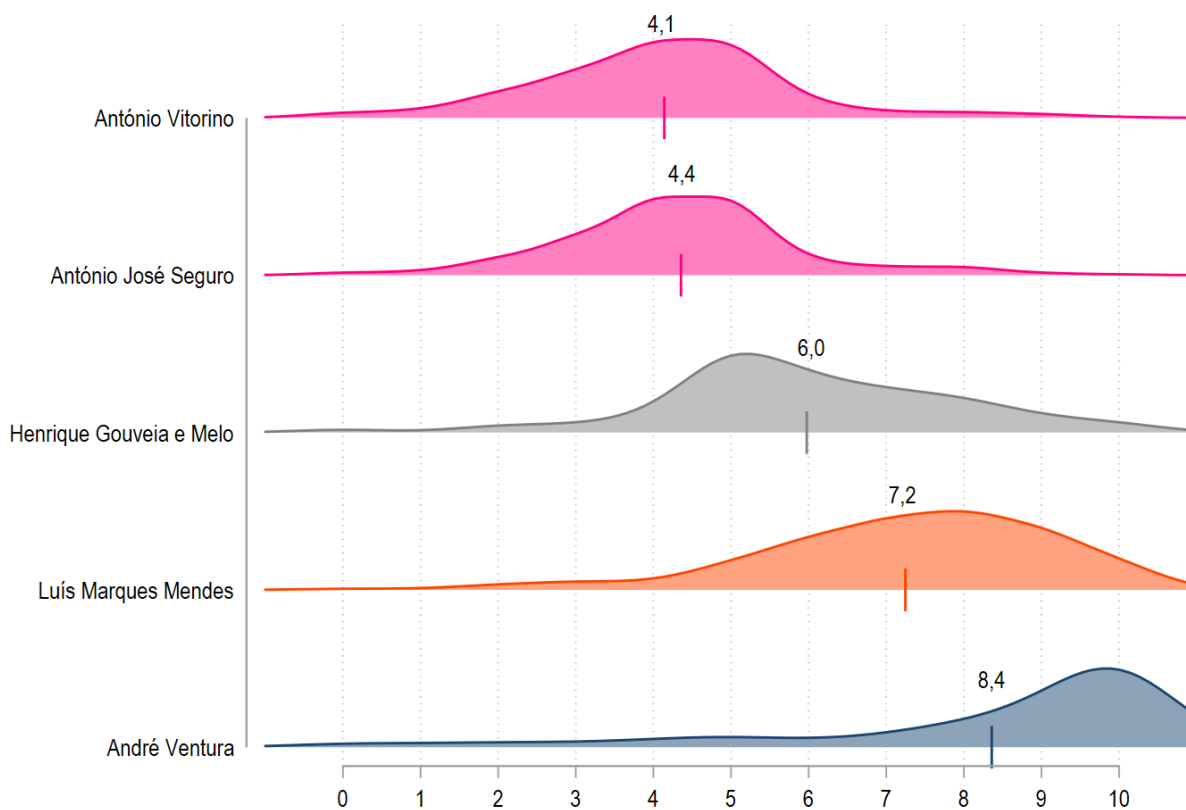
Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Nesta sondagem, pediu-se aos inquiridos que expressassem as suas opiniões acerca do eventual desempenho de potenciais candidatos presidenciais, por comparação com o desempenho de Marcelo Rebelo de Sousa. Das respostas dadas, destaca-se o facto de Henrique Gouveia e Melo ser o candidato relativamente ao qual uma maior proporção respondeu que faria um trabalho “melhor” (30%). Seguem-se André Ventura (16%), Luís Marques Mendes (15%), António Vitorino (12%) e António José Seguro (10%).

Destaca-se também o facto de André Ventura ser, neste conjunto, o candidato presidencial que mais inquiridos acreditam que faria um trabalho “pior” do que Marcelo Rebelo de Sousa (57%). Só 10% dos inquiridos expressaram esta opinião relativamente a Henrique Gouveia e Melo. Para os restantes três potenciais candidatos – mas sobretudo para os provenientes da área socialista – a proporção dos que consideram que fariam um trabalho “pior” é ligeiramente mais elevada (18% a 19%) da dos que dizem que fariam um trabalho “melhor” que o atual Presidente (10% a 15%).

De referir que as proporções dos que dizem “não conhecer” cada potencial candidato são mais altas nos casos de António Vitorino e António José Seguro (15%) do que nos casos de Henrique Gouveia e Melo (7%), Luís Marques Mendes (6%) e, sobretudo, André Ventura (1%). Por fim, com exceção do caso de André Ventura (12%), a percentagem dos que dizem não saber ou que recusam responder são muito elevadas, situando-se entre os 24% e os 30%.

9. Perceção do posicionamento ideológico de potenciais candidatos presidenciais



Os inquiridos foram também convidados a posicionar possíveis candidatos a Presidente da República no espectro ideológico esquerda/direita. Este gráfico apresenta os valores médios observados para cada candidato, bem como a distribuição das respostas dos inquiridos na escala de 0 (esquerda) a 10 (direita).

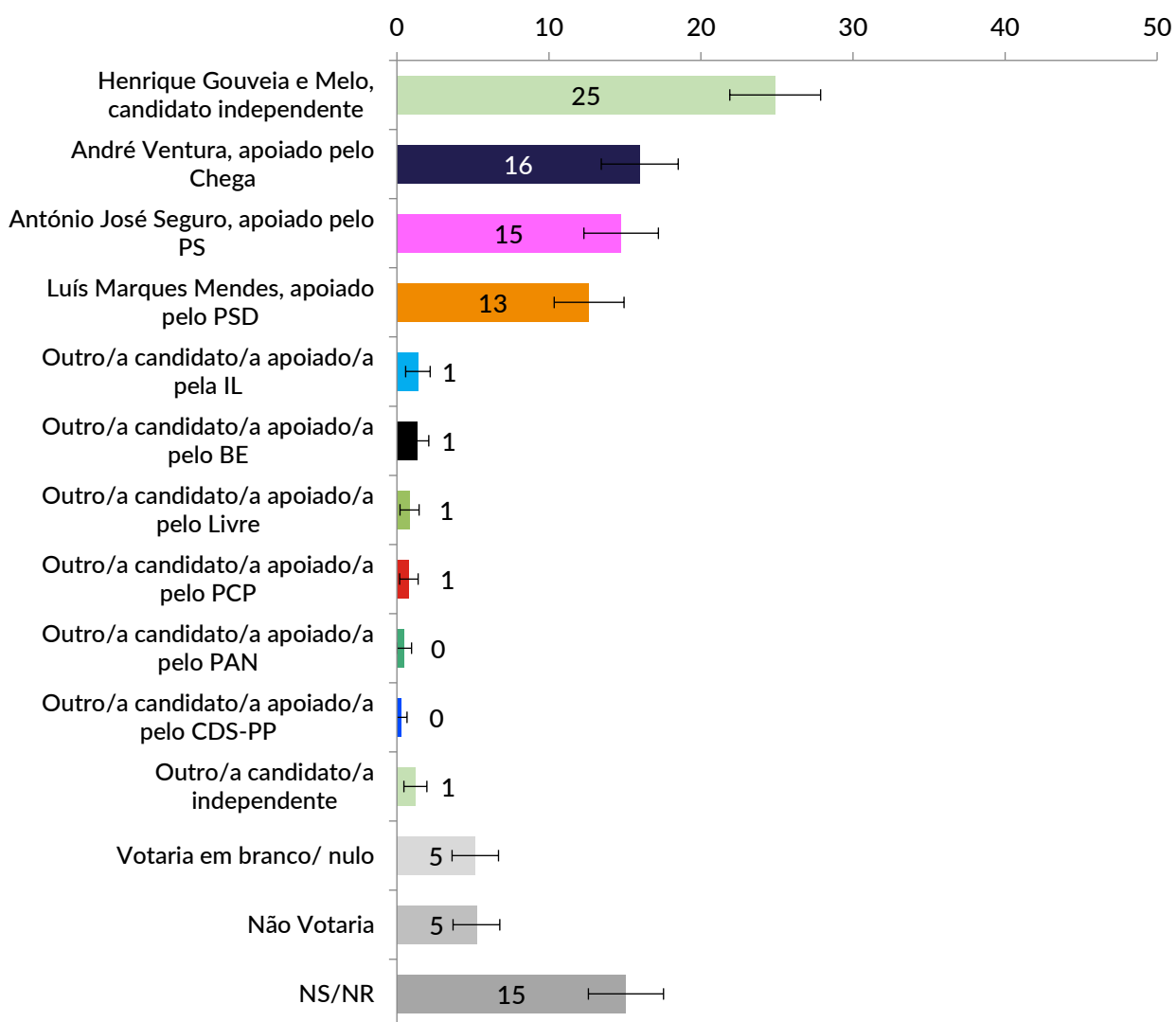
Começando pelos candidatos posicionados mais à esquerda, observam-se padrões de resposta similares para António Vitorino e António José Seguro. Por um lado, as médias dos posicionamentos realizados pelos inquiridos são muito próximas: 4,1 e 4,4, respetivamente. Por outro, existe em ambos os casos uma notável concentração de respostas nos pontos 3 a 5 da escala. Segue-se Henrique Gouveia e Melo, que apresenta uma média de 6. No seu caso, as respostas dos inquiridos tendem a concentrar-se particularmente nos pontos 5 e 6 da escala, havendo, contudo, mais inquiridos a escolher valores superiores a 6 do que valores inferiores a 5. Luís Marques Mendes apresenta um posicionamento médio de 7,2, sendo que no seu caso há uma maior dispersão das respostas dos inquiridos entre os pontos 6 e 9 da escala. Por fim, André Ventura foi posicionado, em média, claramente à direita (8,4), havendo uma destacada concentração das respostas em torno do ponto máximo da escala utilizada (10).

Importa também destacar que pouco mais de metade dos inquiridos foi capaz de posicionar ideologicamente Gouveia e Melo (54%), Vitorino (60%) e Seguro (62%). São valores que contrastam com as mais elevadas proporções de inquiridos que posicionaram ideologicamente Marques Mendes (74%) e, sobretudo, André Ventura (84%).

10. Intenção de voto na primeira volta das presidenciais

"Se tivesse de escolher entre estas candidaturas, como votaria?"

% em relação ao total da amostra



Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Os inquiridos foram ainda confrontados com diferentes cenários de primeira volta das presidenciais, em que se fazia variar o candidato apoiado pelo PS. No cenário em que o candidato socialista era António José Seguro, 25% dos inquiridos disseram que votariam em Henrique Gouveia e Melo. Ventura (16%), Seguro (15%) e Marques Mendes (13%) aparecem bastante abaixo, com percentagens relativamente semelhantes. É também assinalável que 15% dos inquiridos disseram não saber em quem votariam ou recusaram responder.

Intenção de voto nas eleições presidenciais entre diferentes grupos amostrais (% por linha)

		Henrique Gouveia e Melo, candidato independente	André Ventura, apoiado pelo Chega	António José Seguro, apoiado pelo PS	Luís Marques Mendes, apoiado pelo PSD	Candidatos/as apoiados por outros partidos de Esquerda	Candidatos/as apoiados por outros partidos de Direita	Outro/a candidato/a independente	Branco/Nulo	Não Votaria	NS/NR
Sexo	Feminino	22	15	14	14	3	2	1	5	7	16
	Masculino	28	17	16	11	3	2	2	5	3	14
Idade	18-24	18	17	6	8	6	7	0	9	8	22
	25-44	18	24	12	10	6	2	1	5	4	14
	45-64	28	15	14	17	1	1	2	5	4	13
	65 ou + anos	30	9	21	12	1	1	1	3	7	17
Instrução	Até 3º Ciclo	25	17	18	11	2	0	1	4	6	15
	Secundário	24	19	10	12	4	4	1	8	5	14
	Superior	26	10	11	17	5	3	2	5	2	17
Rendimento	Confortável	26	15	14	15	2	2	2	4	4	15
	Difícil viver	24	16	16	11	4	1	1	6	6	15
Simpatia Partidária	Sem Simpatia	26	10	9	10	3	2	1	9	11	20
	PS	30	3	45	3	1	0	0	3	1	12
	PSD	35	6	3	48	0	0	1	2	1	5
	Chega	12	84	0	1	0	0	0	0	0	3
Ideologia	Esquerda	26	2	37	5	8	0	3	4	4	10
	Centro	28	13	16	7	3	4	2	7	3	17
	Direita	26	31	4	25	1	1	0	2	2	7

A tabela acima apresenta as intenções de voto por subgrupos amostrais, definidos por sexo, idade, instrução, rendimento, simpatia partidária e posicionamento ideológico numa escala esquerda (0) – direita (10). Assinalam-se a **vermelho** e a **verde** os valores que, dentro de cada subgrupo, se encontram significativamente abaixo e acima dos valores encontrados para a generalidade da amostra. Verifica-se que:

Homens e mulheres tendem a expressar intenções de voto similares, havendo, contudo, uma tendência para que o apoio a Henrique Gouveia e Melo seja maior entre os primeiros.

Quanto à idade, destaca-se um empate entre Ventura e Gouveia e Melo junto dos mais jovens (18-24 anos), 22% dos quais dizem não saber em quem votariam ou recusam responder. Há uma relativa preponderância de Ventura junto dos jovens adultos (25-44 anos; 24%) e de Gouveia e Melo junto dos adultos (45-64 anos; 28%) e dos mais velhos (65 ou mais anos; 30%).

Relativamente à instrução, Gouveia e Melo é o candidato com mais intenções de voto nos três subgrupos, sendo que o que muda é quem aparece em segundo lugar: Ventura e Seguro (empatados) junto dos que têm níveis de instrução até ao terceiro ciclo, apenas Ventura junto dos que completaram o ensino secundário, e Marques Mendes no caso dos que possuem diplomas universitários.

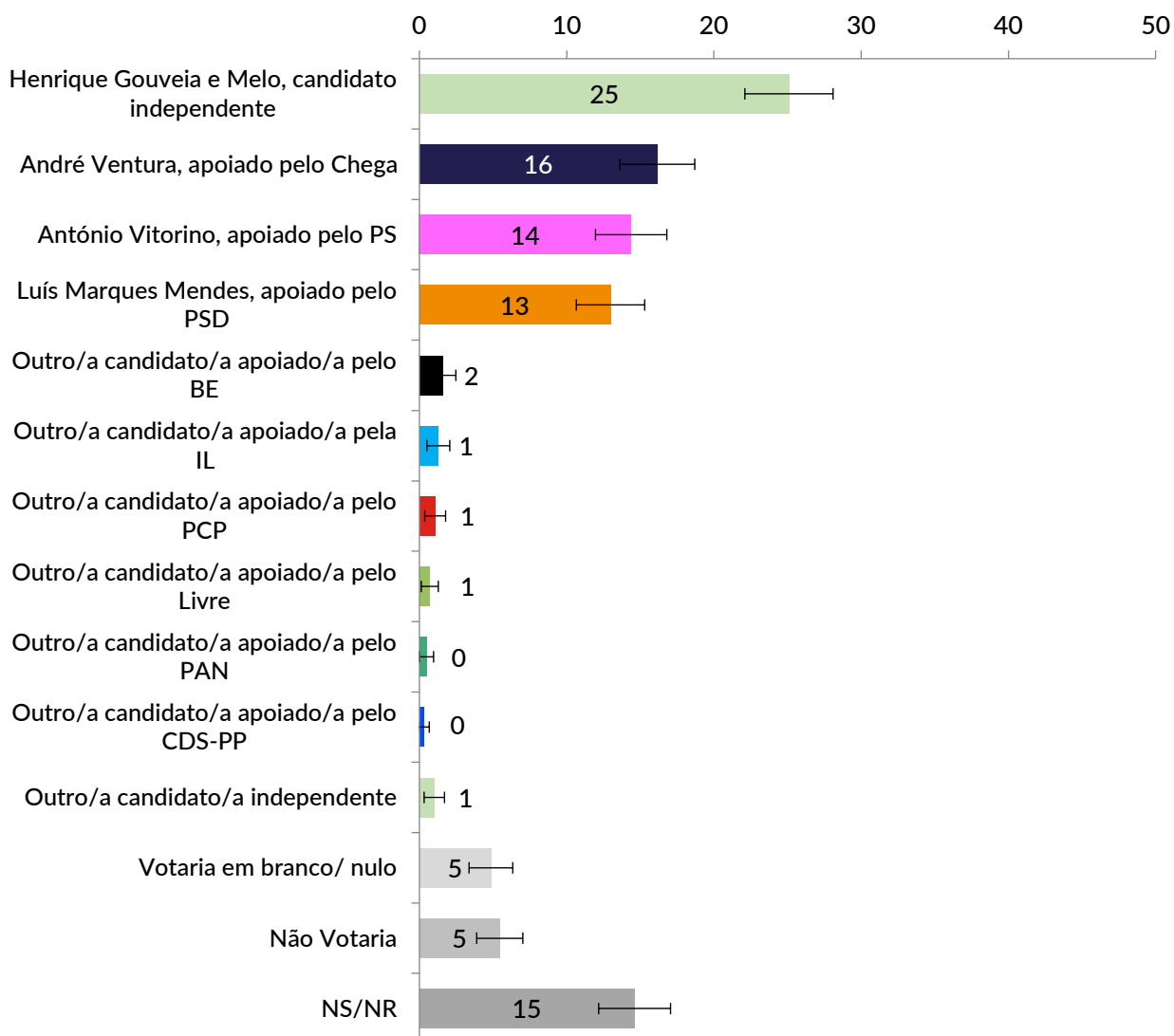
Quanto à simpatia partidária, se Ventura recolhe 84% dos votos dos simpatizantes do seu partido, aqueles que simpatizam com o PS e com o PSD cerram fileiras de forma menos consistente em torno de Seguro (45%) e Marques Mendes (48%). Isto deve-se sobretudo às proporções elevadas de intenção de voto em Gouveia e Melo nestes dois grupos (30 e 35%, respetivamente).

Gouveia e Melo é o candidato com mais intenções de voto entre os inquiridos que se declaram de centro (28%, contra valores iguais ou inferiores a 16% para os outros). No caso dos que se posicionam à esquerda, Seguro aparece em primeiro lugar (37%), acompanhado de perto por Gouveia e Melo (26%). Já os eleitores que se declararam de direita demonstram estar, em linhas gerais, divididos entre Ventura, Gouveia e Melo e Marques Mendes.

Por fim, o rendimento não aparenta estar associado a diferenças significativas em termos de intenções de voto, com exceção de uma tendência para que quem reporta ter dificuldades em viver com o seu rendimento ser menos propenso a apoiar Marques Mendes (11%) de quem vive mais confortavelmente (15%).

"Se tivesse de escolher entre estas candidaturas, como votaria?"

% em relação ao total da amostra



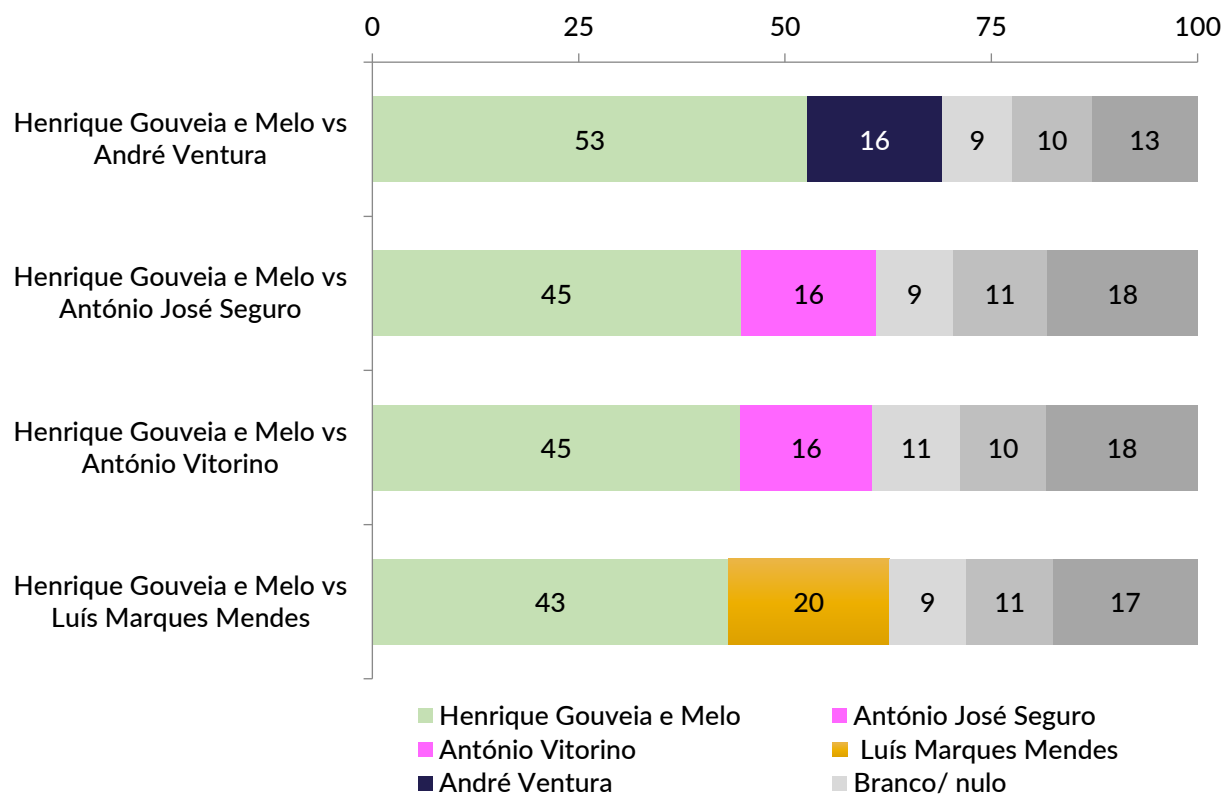
Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

No cenário em que o candidato apoiado pelo PS é António Vitorino, a percentagem que este obtém é um ponto percentual mais baixa que a de Seguro, não sendo esta diferença significativa. Para Gouveia e Melo, André Ventura e Luís Marques Mendes, os resultados são essencialmente iguais aos observados no cenário anterior. Para além disso, as relações entre intenções de voto e variáveis de natureza sociopolítica exploradas no primeiro cenário mantêm-se globalmente inalteradas neste cenário.

11. Cenários de segunda volta

"Como votaria se os dois candidatos na segunda volta das eleições presidenciais fossem:"

% em relação ao total da amostra



Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Confrontados com quatro diferentes cenários de segunda volta nas presidenciais em que Henrique Gouveia e Melo se confrontaria com outros candidatos, os inquiridos demonstraram preferi-lo em todos os casos. Esta preferência é maioritária no caso de ser André Ventura o outro candidato (53%), descendo para 45% nos cenários em que este papel é desempenhado por um candidato socialista. Esta descida deve-se sobretudo a uma maior taxa de não respostas nestes dois cenários, dado que as proporções identificadas para Ventura, Seguro e Vitorino são idênticas – 16% nos três casos. De entre estes potenciais candidatos, Marques Mendes parece ser o que conseguiria melhores resultados contra Gouveia e Melo (20%).

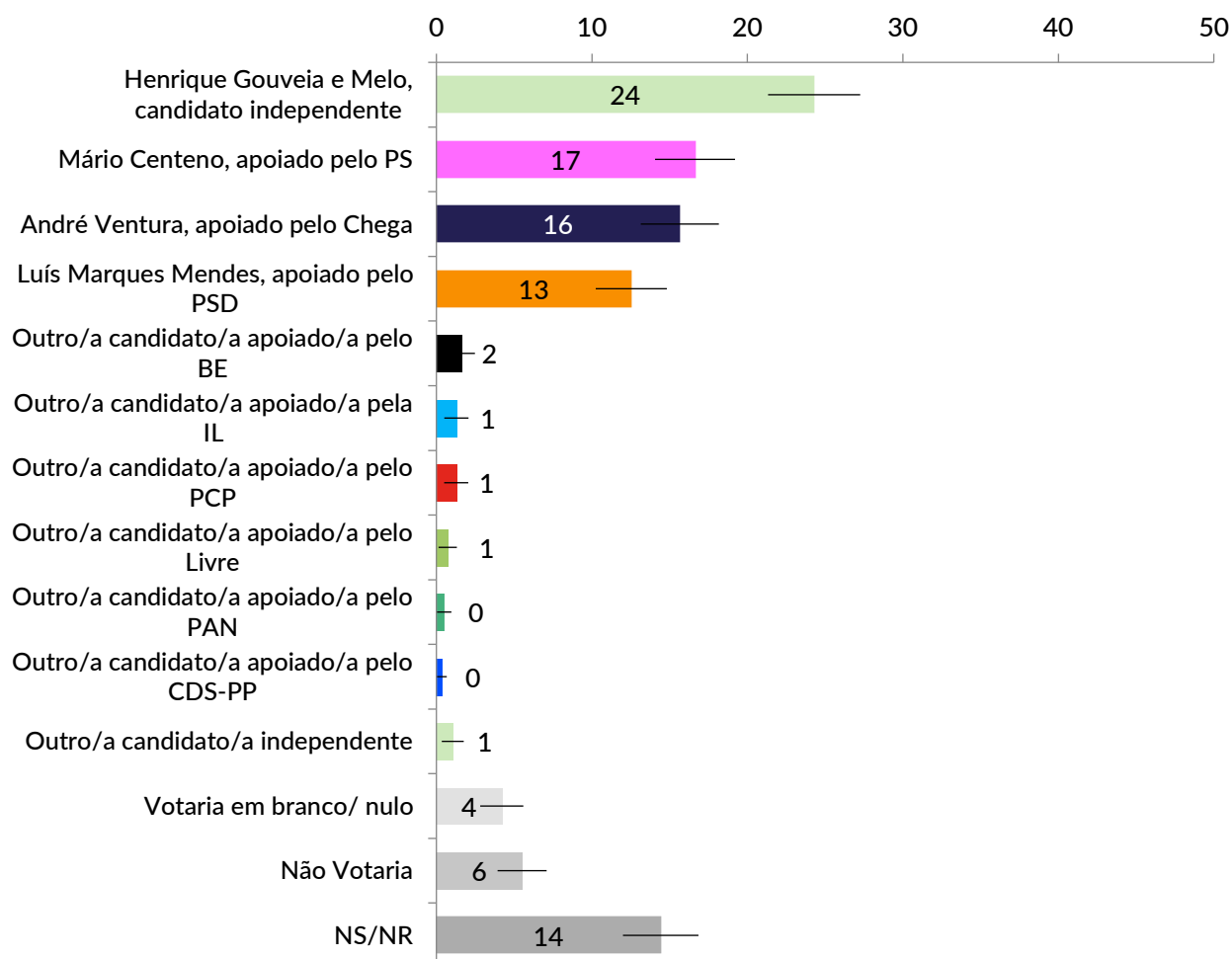
12. E se Mário Centeno fosse candidato?

No dia 15 de janeiro, sensivelmente a meio do trabalho de campo para esta sondagem, Mário Centeno declarou que não seria candidato nas eleições presidenciais de janeiro de 2026. Tendo sido preparada antes deste evento, esta sondagem incluía também perguntas sobre Centeno enquanto candidato apoiado pelo PS. Passamos a analisar estes dados.

Num cenário de primeira volta em que Centeno fosse o candidato apoiado pelo PS, os números não seriam muito diferentes dos discutidos anteriormente: Gouveia e Melo continuaria a recolher mais intenções de voto. Centeno apresenta um valor dois pontos percentuais mais elevado que o relativo a Seguro e três pontos percentuais que o de Vitorino, ficando igualmente perto de Ventura, mas um pouco mais destacado em relação a Marques Mendes que os outros hipotéticos candidatos apoiados pelo PS.

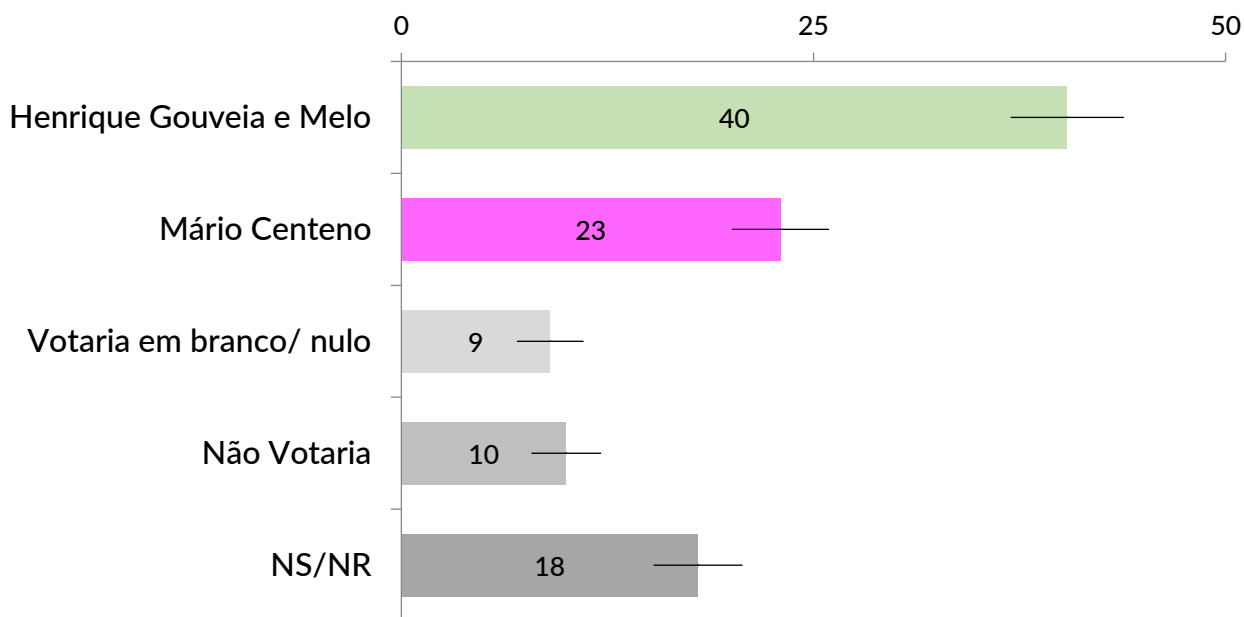
"Se tivesse de escolher entre estas candidaturas, como votaria?"

% em relação ao total da amostra



Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

"Se os dois candidatos na segunda volta das eleições presidenciais fossem Mário Centeno e Henrique Gouveia e Melo, como votaria?"
% em relação ao total da amostra



Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025. Valores são arredondamentos à unidade.

Num hipotético cenário de segunda volta entre Mário Centeno e Henrique Gouveia e Melo, este último continua a posicionar-se em primeiro lugar, com 40%. Ainda assim, estamos perante a proporção de intenção de voto em Gouveia e Melo mais baixa identificada nos cinco cenários explorados, ainda que não significativamente distinta da observada naqueles em que os outros candidatos são António José Seguro e António Vitorino (45% em ambos os casos), ou Marques Mendes (43%). Trata-se de uma proporção apenas significativamente mais baixa do que a identificada no cenário com André Ventura (53%).

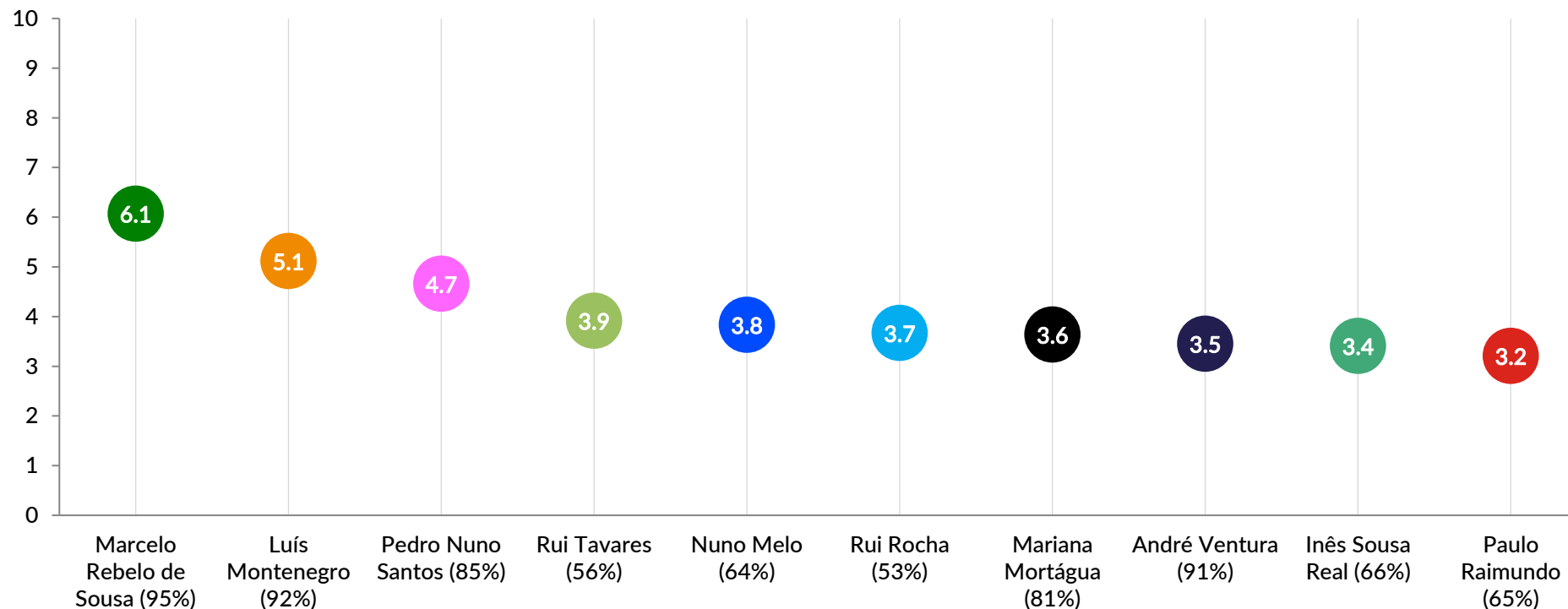
Quanto a Centeno, os seus 23% constituem um valor significativamente mais alto que os obtidos pelos outros candidatos nos cenários de segunda volta explorados, exceto no caso de Marques Mendes. Por outras palavras, os 16% de intenções de voto recolhidos por Seguro, Vitorino e Ventura são significativamente mais baixos que os 23% de Centeno.

Por fim, em termos de posicionamento ideológico, Centeno obteve um valor médio de 4,3 numa escala de 0 (esquerda) a 10 (direita), situando-se perto tanto de Vitorino (4,1) como de Seguro (4,4). Quanto ao facto de poder fazer um trabalho igual, melhor ou pior do que o de Marcelo Rebelo de Sousa, Centeno aparece com alguma vantagem em relação aos outros potenciais candidatos apoiados pelo PS: 20% afirmam que teria um melhor desempenho do que o atual Presidente (contra 12 e 10 por cento nos dois outros casos). É também de destacar que, na resposta a esta questão, apenas 7% dos inquiridos disseram não conhecer Centeno. Trata-se de um valor idêntico ao observado para Marques Mendes e Gouveia e Melo, mas que corresponde à metade dos relativos a Seguro e Vitorino (15% nos dois casos).

13. Avaliação de personalidades políticas

Avaliação da actuação recente de líderes políticos, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

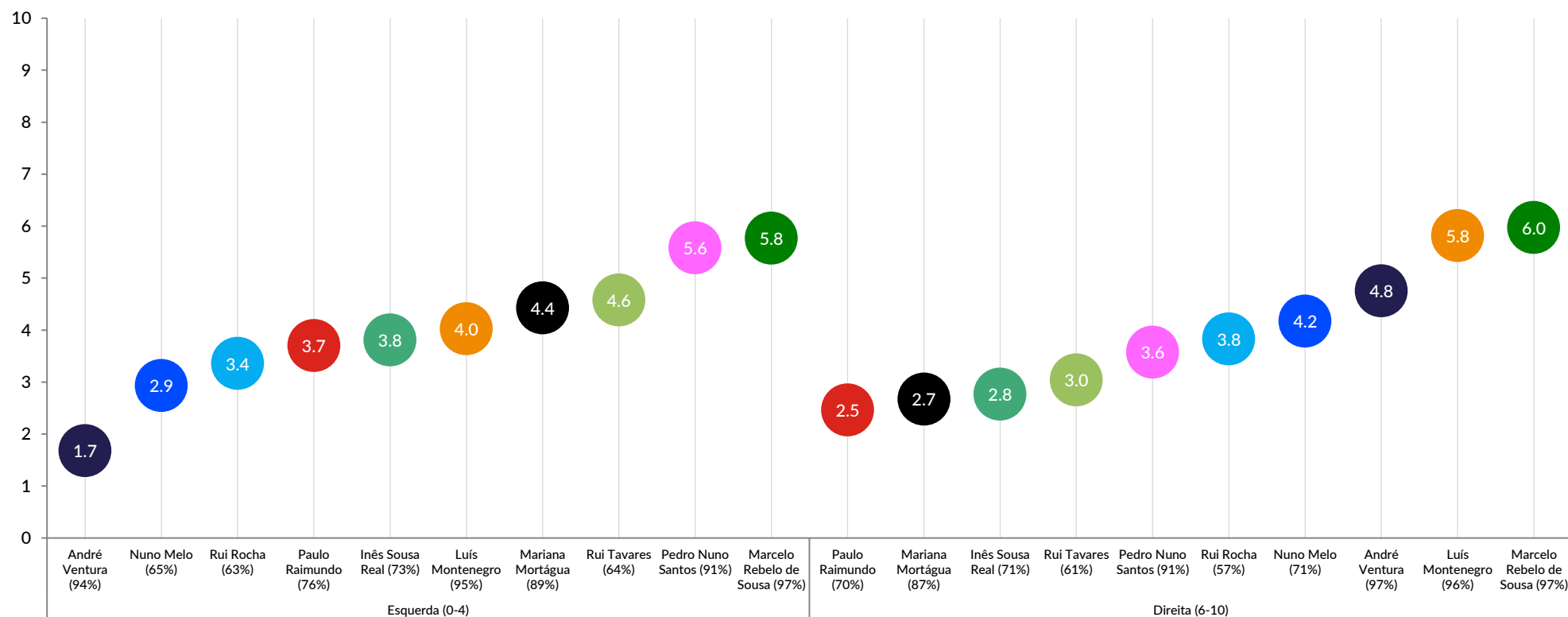
Avaliação média dos inquiridos com respostas válidas; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação



Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025.

Marcelo Rebelo de Sousa é a personalidade política com uma avaliação mais alta (6,1). Seguem-se Luís Montenegro, com uma avaliação que toca o ponto médio da escala (5,1) e Pedro Nuno Santos, pouco abaixo (4,7). Os restantes líderes de partidos com representação parlamentar recebem avaliações inferiores a 4 pontos, sendo Paulo Raimundo aquele que é avaliado de forma mais negativa (3,2).

Avaliação da actuação recente de líderes políticos, de 0 ("muito negativa" a 10 ("muito positiva")
 Avaliação média de cada grupo de posicionamento ideológico; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação



Recolha: 9 a 20 de janeiro de 2025.

A avaliação do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa é similar entre quem se posiciona à esquerda (5,8) e à direita (6) no espectro ideológico. O mesmo acontece, ainda que aqui as diferenças sejam um pouco maiores, no caso de Rui Rocha (3,4 e 3,8, respetivamente).

Para os inquiridos que se declararam de esquerda, o único líder partidário a obter uma avaliação média positiva é Pedro Nuno Santos. Seguem-se, por ordem decrescente, Rui Tavares, Mariana Mortágua, Luís Montenegro, Inês Sousa Real, Paulo Raimundo, Rui Rocha, Nuno Melo e, por fim, André Ventura.

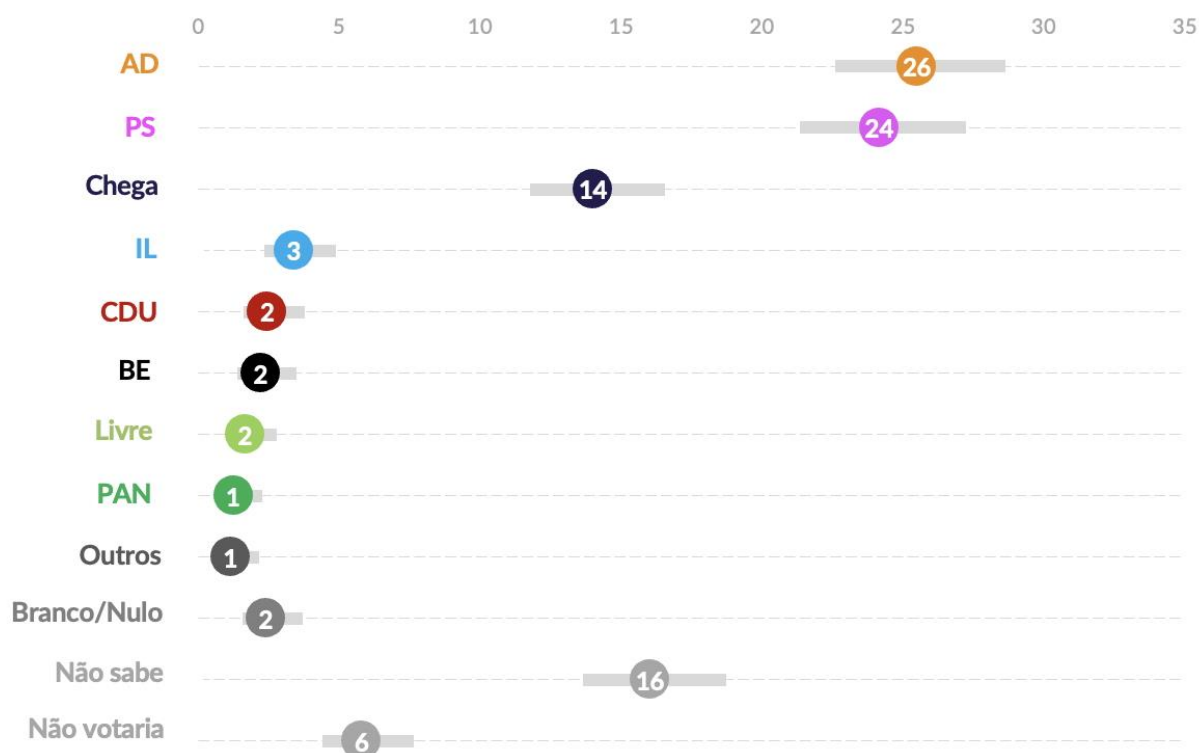
No caso dos que se posicionam na direita, Luís Montenegro é o único líder partidário com nota positiva. Encontram-se, em seguida, por ordem decrescente, André Ventura, Nuno Melo, Rui Rocha, Pedro Nuno Santos, Rui Tavares, Inês Sousa Real, Mariana Mortágua e Paulo Raimundo.

14. Intenção direta de voto em eleições legislativas

Como votaria se houvesse hoje eleições legislativas?

% em relação ao total da amostra

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



Recolha: 9-20 janeiro 2025. Resultados apresentados são arredondamentos à unidade. CI Wilson 95%.

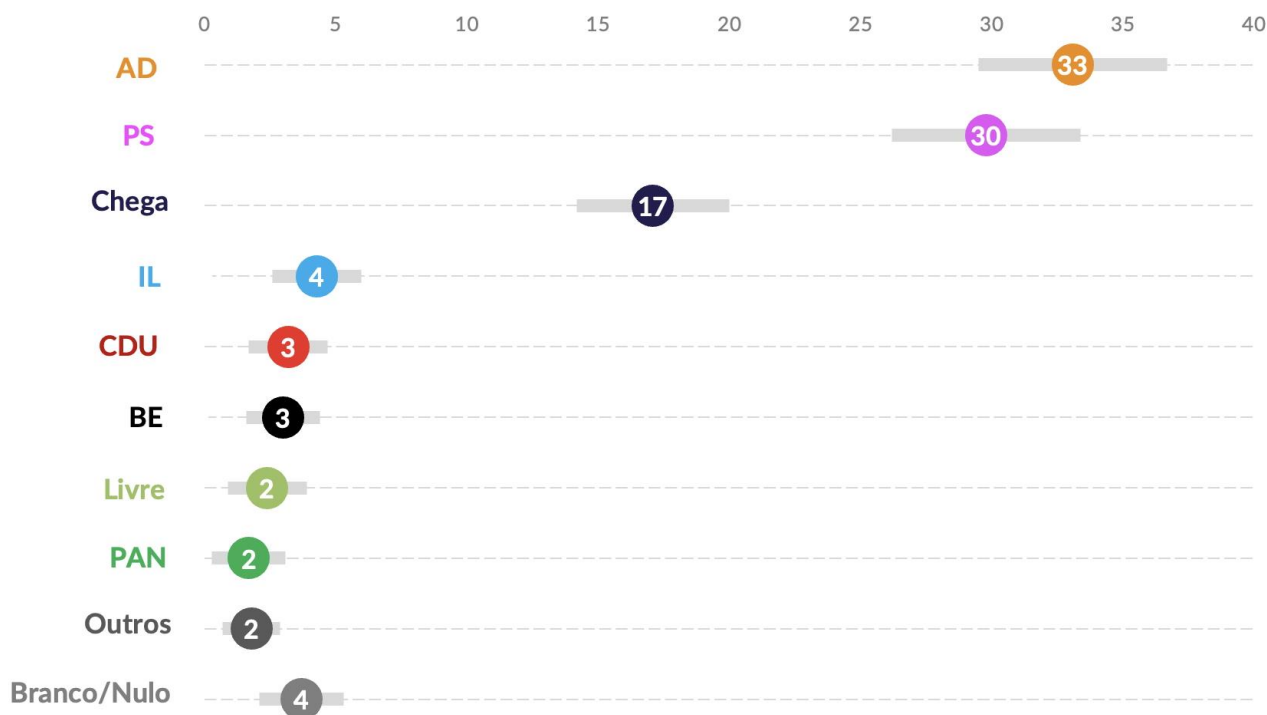
As questões sobre “intenção de voto” obrigam os inquiridos a declarar uma intenção comportamental perante um evento futuro. Cerca de 16% dos inquiridos afirmam não saber como irão votar. Outros 6% são inquiridos que afirmam desde já que não tencionam votar nas próximas eleições. Importa notar que este valor não é diretamente comparável a possíveis valores oficiais de abstenção eleitoral: os abstencionistas têm menor propensão a responder a estudos de opinião, a intenção de não votar tende a não ser plenamente assumida e a abstenção oficial é superior à abstenção “real” (devido ao fenómeno da chamada “abstenção técnica”). Neste gráfico, são apenas destacados os partidos com uma intenção direta de voto igual ou superior a 1%, após arredondamento. Para além dos partidos listados no gráfico, houve também inquiridos que declararam intenções de voto, em valores inferiores, nos seguintes partidos: Nós, Cidadãos!; ADN; PCTP/MRPP; JPP; Alternativa 21; PTP; (A)TUA e Nova Direita.

15. Intenção de voto após exclusão de abstencionistas e imputação de indecisos

Como votaria se houvesse hoje eleições legislativas?

% em relação ao total de intenções de voto válidas

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



Recolha: 9-20 janeiro 2025. Resultados apresentados são arredondamentos à unidade.

Para poder comparar as intenções de voto obtidas com o formato convencional da distribuição de votos num ato eleitoral, foi preciso lidar com os cerca de 16% de inquiridos que declararam não saber em quem votariam. A opção seguida foi a de utilizar uma metodologia de imputação. Simplificando, isso implica atribuir aos “indecisos” uma intenção de voto em cada partido, branco/nulo ou uma intenção de não votar, com base numa comparação entre algumas das suas características (sexo, idade, instrução, sindicalização, prática religiosa e posicionamento ideológico) e as características daqueles que declararam uma intenção de voto ou de abstenção no inquérito. Após a imputação de intenções de voto aos “indecisos” e exclusão dos que dizem que não votariam, a AD obtém 33% e o PS 30%. A diferença entre estas estimativas não é estatisticamente significativa. Segue-se o Chega, com 17%, e, mais abaixo, a IL (com 4%), a CDU (3%), o BE (3%), o Livre e o PAN (ambos com 2%).

